

Procuradores da República pedem investigação e dizem que PM pode ter cometido crimes como abuso de autoridade, lesão corporal e cárcere privado. Igreja condena repressão à manifestação

MAIS DE 50 FERIDOS

Da Redação
 Com agências

Porto Seguro (BA) — Um dia depois, ainda era impossível determinar o número de pessoas socorridas em decorrência da ação policial em Santa Cruz Cabralia. O posto da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), instalado ao lado do Museu dos Índios Pataxó, na área do conflito, atendeu trinta pessoas, com diversos tipos de queixa, desde ferimentos causados por quedas a problemas respiratórios e de pressão sanguínea. Mas o número pode passar de 50. Outros postos de atendimento médico e hospitais da região acabaram sendo procurados.

No Posto de Saúde da Praia de Coroa Vermelha, que fica no município de Cabralia, cinco manifestantes foram socorridos com pequenos ferimentos causados por estilhaços de objetos não identificados. Para o mesmo local foram encaminhados dois policiais. Um deles caiu do cavalo, durante a perseguição da tropa aos índios, e outro cortou-se com um caco de vidro.

Além disso, 14 pessoas procuraram socorro na Maternidade de Coroa Vermelha, a maioria delas com problemas respiratórios causados pelo gás lacrimogêneo. Também há informações de que alguns índios preferiram procurar socorro em outras cidades da região.

Agentes da Funasa procuravam ontem um índio de Alagoas que teria tido ferimentos graves nas pernas depois de ser atingido por uma bomba de gás lacrimogêneo. Mas não há registro do atendimento de nenhum paciente nesse estado nos hospitais da região. A informação sobre o caso circulava na sede local do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

INVESTIGAÇÃO

O Ministério Público Federal anunciou que determinará a abertura de inquéritos para apurar os fatos ocorridos em Santa Cruz Cabralia. De acordo com nota divulgada por procuradores da República na Bahia, os atos de violência que eles presenciaram "podem constituir atos de improbidade administrativa e configurar a prática de vários crimes, a exemplo de abuso da autoridade, lesões corporais e cárcere privado".

A nota é assinada por três procuradores que acompanharam a manifestação ao lado dos índios. Eles observam no texto que os policiais militares que participavam das operações haviam retirado do peito a sua identificação, possivelmente para garantir a impunidade.

Os procuradores Márcio Torres, Robério dos Anos Filho e Paulo Fontes estão em Porto Seguro desde o dia 12. Ligados ao trabalho de defesa judicial dos índios, eles decidiram acompanhar as manifestações porque temiam a ocorrência de conflitos. Em dez dias, tentaram de várias maneiras intermediar negociações entre as autoridades e os líderes indígenas para garantir a realização da manifestação. Ontem, a sensação era de frustração. "O que aconteceu ali pode ser visto como ameaça à democracia", disse o procurador Torres.

Fotos: Wanderlei Pozzembom



Índios caminham observados por policiais da Tropa de Choque da PM baiana: repressão à marcha é criticada por procuradores e pela Igreja



Estudantes obrigados pela PM a ficar sentados: cárcere privado

Dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo auxiliar de São Paulo, disse, durante o sermão da missa de Páscoa, que o "presidente da República deveria ter honra e ter se cercado de índios". O bispo, que está sendo transferido para Blumenau, em Santa Catarina, é considerado da ala progressista da Igreja e não poupou críticas à atuação do presidente Fernando Henrique e do governo nas comemorações dos 500 anos do descobrimento.

IGREJA CONDENA

A missa foi celebrada na igreja Nossa Senhora da Conceição, no Jaraguá (zona noroeste de São Paulo), e reuniu cerca de 500 pessoas, a maioria jovens com idades entre 15 e 25 anos. Os fiéis, todos moradores da periferia de São Paulo, fizeram oferenda por pobres. Jovens de origem japonesa, índia, negra e italiana dançaram no altar "por um novo milênio sem exclusões sociais".

Dom Angélico é ligado à Teologia da Libertação, associada aos movimentos populares. "O importante é termos conteúdo com compromisso; não excluímos ninguém", disse.

Mais da metade do tempo da missa, que durou mais de duas horas, foi tomada por cantos e danças dos jovens fiéis.

Também em São Paulo, o cardeal dom Paulo Evaristo Arns celebrou uma missa de domingo da ressurreição recheada de pequenas parábolas e incluiu na celebração críticas à violência nas comemorações dos 500 anos do Brasil. Tudo isso em meio a mensagens de otimismo para a platéia de 300 idosos do Hospital Geriátrico Dom Pedro II, em Jacanã.

CARTA

No Rio de Janeiro, o ministro do Turismo e Esportes, Rafael Greca, defendeu a ação das forças na repressão aos protestos durante as comemorações oficiais dos 500 anos do descobrimento. "Diante da intolerância dos manifestantes, a PM e o Exército foram tolerantes", afirmou, antes da cerimônia de inauguração da nova iluminação do Cristo Redentor.

Segundo o ministro, os manifestantes "pensavam diferente da maioria dos brasileiros" e agrediram índios em Coroa Vermelha, perto de Porto Seguro. Greca disse, porém, que a manifestação foi democrática. O ministro não quis comentar os rumores segundo os quais estaria para deixar o cargo. "Vivem querendo me lançar de lugares altos", afirmou Greca ao pé do Corcovado, que fica a 710 metros altura.

No início da noite, o presidente Fernando Henrique foi ao Parque do Ibirapuera, em São Paulo, para inaugurar a Mostra do Redescobrimto. Ele chegou sorridente e assistiu à apresentação de 40 índios xavante e mehinaku. Os índios das duas tribos entregaram uma carta a Fernando Henrique, também endereçada ao presidente de Portugal, Jorge Sampaio, que dizia: "Estamos aqui com toda a verdade de nossa tradição. Sem rancor, sem raiva. Mas também não estamos comemorando nada. Esta não é a nossa comemoração". Na carta, os índios pediam a demarcação de suas terras e respeito à sua cultura.

ANÁLISE DA NOTÍCIA

POVO ASSISTIU À FESTA DO DESCOBRIMENTO DE LONGE

Rudolfo Lago
 Da equipe do Correio

Nada mais natural que terminasse em conflito uma festa para a qual o povo não foi convidado. Se em Porto Seguro o presidente Fernando Henrique Cardoso foi completamente preservado da companhia dos populares, o que se observa no resto do país é que a comemoração pelos 500 anos do Descobrimento do Brasil não pegou como deveria. No sábado, não havia bandeiras brasileiras presas nas janelas dos apartamentos. Quem vestiu-se de verde-amarelo? Quem, além dos que foram pagos pelos organizadores oficiais, soltou um foguete? Quem sabe cantarolar pelo menos o refrão do hino que o ministro do Turismo, Rafael Greca, encomendou a Chitãozinho e Xororó? A festa não pegou. Não se culpe por isso, porém, o povo brasileiro, acometido de uma súbita falta coletiva de sentimento de brasilidade. O governo não gastou pouco com as comemorações. Há festas programadas em vários pontos do país. Uma mega-exposição de arte brasileira em São Paulo. Mas a impressão é que o brasileiro mesmo não participa de nada disso. Ou, pelo menos, não deu palpito na festa que deveria ser sua. Os organizadores da festa não foram capazes de envolver o cidadão na importância de comemorar os 500 anos de existência de seu país. Que índios, sem-terra e outros iam protestar, já devia ser esperado. Muitos brasileiros não participam da festa em nenhum dia do ano. Para manter o hábito, foram barrados em Porto Seguro também. Mas certamente há também o que se comemorar. Infelizmente, ninguém foi chamado a soprar as velinhas.